

A imagem do museu: Educação patrimonial na educação básica

Cyanna Missaglia de Fochesatto¹

Resumo

O presente trabalho busca elucidar algumas questões referentes à educação patrimonial na educação básica dando ênfase à relação do aluno com o museu. Sabendo-se que a educação patrimonial é fundamental para valorização e aprofundamento do conhecimento cultural de uma sociedade, busca-se entender a forma que o museu é trabalhado em sala de aula, na educação básica, e como ele aparece no imaginário dos alunos. O desenvolvimento de programas de Educação patrimonial nas redes escolares quando inserido no currículo escolar – utilizado como fonte primária de conhecimento –, contribui para enriquecer o diálogo sobre a prática da cidadania e reconhecimento das gerações passadas e da cultura de determinado grupo social, entre outros temas que podem ser abordados a partir dessa perspectiva. Assim, além de compreender como o museu é trabalhado na sala de aula, tenciona-se também entender de que forma ele é representado pelos alunos.

Palavras Chave: Educação patrimonial. Museu. Educação Básica.

Abstract

This study aims to clarify some issues related to heritage education in the primary education by emphasizing the relationship of the student with the museum. Knowing that heritage education is crucial for the appreciation and further development of cultural knowledge of a society, we seek to understand the way that the museum is working in the classroom, in the primary education, and how it appears in the imaginary of the students. The development of heritage education programs in the school systems when inserted into the school curriculum - used as a primary source of knowledge - enrich the dialogue on the practice of citizenship and recognition of past generations and the culture of a particular social group, among other topics that can be addressed through this perspective. Thus, in addition to understanding how the museum is working in the classroom, intends also to understand how it is represented by the students.

Keywords: Patrimonial education. Museum. Education.

Introdução

O presente artigo busca fazer uma reflexão sobre a Educação Patrimonial na educação básica. Atenta para a forma de como o museu é trabalhado em sala de aula – quando é trabalhado –, além de compreender como os alunos vislumbram essas questões referentes à Educação Patrimonial, mais especificamente o museu, e de que forma isso é representado/apresentado para eles.

A ideia desta pesquisa surgiu após participar, como orientadora de visitas guiadas em algumas exposições, ocorridas nos anos de 2010 e 2011, no MARGS², onde acompanhava alunos de todas as séries e idades para fazer as visitas orientadas nas exposições do museu. No tempo em que orientava esses alunos, algumas inquietações foram surgindo e questões vinculadas a esse ambiente foram problematizadas. Em função da preocupação em como os alunos estavam aproveitando as exposições

nas salas de aula, uma vez que a maioria dos professores que os acompanhavam acabava se ausentando para um momento de lazer no café do museu, ou apenas deixando a orientação de que os alunos deveriam copiar as informações das obras, que ficavam descritas nas placas informativas ou nas paredes do museu. Alguns professores somente levavam os alunos como uma forma de lazer/passeio, onde nenhuma atividade educativa ou plano pedagógico era elaborado e nenhuma reflexão era proposta para os alunos. Além disso, o contato com os próprios alunos fez-me perceber o quanto eles, muitas vezes, se interessavam por aspectos externos a exposição em voga tais como: a estrutura física do museu, a associação do museu aos castelos de contos de fada para os menores, ou o local de guardar velharia e sucata para os alunos maiores³; alguns ainda interessavam-se em saber a história do museu e sua função em determinada época, elementos esses que poderiam ser aproveitados em sala de aula e aprofundados.

A partir de tais eventos, e dessa experiência, algumas problematizações começaram a surgir e deram origem a esta pesquisa. Assim, partindo da questão central que busca, portanto, responder de que forma o museu é trabalhado nas salas de aula e de que forma a imagem do museu é compreendida pelos alunos, se estrutura o presente projeto. Para a execução dessa pesquisa, que ainda está em fase inicial, uma série de metodologias de pesquisa foram necessárias, além de vasta análise textual. Propõe-se, entre outros procedimentos, uma pesquisa quantitativa e qualitativa⁴ com alunos da educação básica para elucidar de forma mais objetiva as questões propostas.

Torna-se necessário, nas linhas que seguem apontar a forma que determinados conceitos importantes para o entendimento desse texto serão tratados. Assim, o conceito de Patrimônio trabalhado aqui é no sentido de ser tudo aquilo que recebemos e que possui valor. Existem diversos tipos de Patrimônio, como o cultural, o arquitetônico, o histórico, o arqueológico, etc. Segundo Herberts (2008, p. 15):

O Patrimônio engloba todos os bens culturais de importância para a sociedade: as expressões folclóricas, os conjuntos arquitetônicos, as obras de artes ou saberes tradicionais e os sítios arqueológicos.

Para Prévidi (2011, p. 19), a Educação Patrimonial:

[...] Estaria centrada no objeto, na evidencia material como fonte de ensino, porém, esta definição é ampliada, fruto também da transformação do conceito de Patrimônio, incluindo os bens tangíveis e intangíveis [...] O Patrimônio é fonte primária de ensino, utilizando a documentação do acervo dentro dessa perspectiva.

Educação Patrimonial, segundo as autoras Horta; Grunberg; Monteiro, (1999, p. 06) "trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo." Assim, a Educação Patrimonial pretende legar

à sociedade um maior conhecimento e valorização da sua herança cultural por meio do contato com as evidências culturais – materiais e imateriais -, aprofundando todos os signos e aspectos possíveis dessa herança. Ainda, segundo essas mesmas autoras (1999, p. 06), é possível pensar a Educação Patrimonial da seguinte forma:

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Esse processo elava ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e á valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. [...] O princípio básico da Educação Patrimonial é a experiência direta dos bens e fenômenos culturais, para se chegar à sua compreensão e valorização, num processo contínuo de descoberta.

Já para Herberts (2008), o programa de Educação Patrimonial perpassa as ações pontuais de palestras e exposições, requer, antes de tudo, um alargamento no espaço de tempo, fazendo uso de atividades sistemáticas e contínuas que tenham como resultado a valorização e preservação do patrimônio.

Outros conceitos importantes que serão abordados nesta pesquisa são as noções de museu e memória. Entende-se, grosso modo, o museu como o local da memória, embora, possamos pensar suas funções de forma plural. Os museus são espaços de aprendizagem e de educação. Ele difunde uma série de informações oriundas de pesquisas e diferentes atividades. São, contudo, espaços de prazer, lazer e descoberta. Instiga a curiosidade de seus visitantes e tenta, ao máximo, dialogar com quem o está visitando. A autora Adriana M. Almeida (1997, p.50) define as exposições do museu da seguinte forma:

As exposições museológicas são discursos criados com intenção de comunicar ideias, conceitos e informações ao público visitante, tendo como veículo específico os objetos. A ação educativa em museus visa ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos, para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação a sua realidade e daqueles que estão à sua volta.

Dentro do amplo conceito de História e legado Cultural, a memória, conforme Zilda Kessel (2008, p.4):

Memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo, no campo simbólico. [...] É interessante ainda apontar que a memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos. Decidir sobre o que deve ser lembrando e também sobre o que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro.

Ainda tratando-se de memória o autor Pierre Nora (1993, p.13) afirma o seguinte:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...).

Tratando sobre os lugares da memória Pierre Nora (1993) acredita que o lugar da memória é o local do registro e seu sentido simbólico. São locais materiais e imateriais onde se pode fixar a memória de uma sociedade. Lugar de reconhecimento coletivo de povos ou tribos e local onde se permite criar um sentimento de pertencimento a um grupo/ identidade.

Partindo do entendimento desses conceitos e da problemática exposta, as linhas que seguem pretendem refletir sobre a forma que a Educação Patrimonial está inserida na educação básica, partido da análise da relação museu-escola e museu-aluno.

O museu e a escola

A relação do museu com a escola pode ser pensada a partir da forma em que cada um desses ambientes se estrutura. Assim, a escola é o ambiente da aquisição do saber, onde se estabelece uma rotina de aprendizado que, porventura, forma a cultura escolar. Sendo o museu um ambiente de cultura própria, onde a aquisição dos saberes ocorre de forma diferenciada da escola. Por isso, muitas vezes, os professores, enganadamente, relacionam a visita ao museu a uma prática de lazer, mas não o vinculam a nenhuma prática pedagógica, servindo apenas para passeio e sem estímulo e orientação para aprendizagem direcionada nesse ambiente. Embora seja importante ressaltar que essa não é uma regra, mas é costumeiro ocorrer⁵. Nos últimos anos nota-se um aumento de atividades educativas oriundas desses espaços de memória – museus, arquivos e etc. -, que vem crescendo consideravelmente, o que facilita a vinculação do museu com a escola. Embora ainda seja deficiente o preparo dos docentes para interagir com os alunos nesse espaço, conforme será tratado mais adiante. As práticas ou atividades educativas oriundas do museu podem ser entendidas da seguinte forma, conforme Andréa Falção (2009 p.16):

Podem ser entendidas como práticas educativas atividades tais como: visitas “orientadas”, “guiadas”, “monitoradas” ou mesmo “dramatizadas”, programas de atendimento e preparo dos professores, oficinas, cursos e conferências, mostras de filme, vídeos, práticas de leitura, contação de histórias, exposições itinerantes, além de projetos específicos desenvolvidos para comemorar determinadas datas e servir de suporte para algumas exposições. Além dos materiais educativos e informativos editados com a finalidade de servir a estas práticas, tais como: edição de livros, jogos, guias, folders e folhetos diversos, folhas de atividades, kits de materiais pedagógicos, áudio-guide (guia auditivo), aplicativos multimídia, CD-ROM, site institucional na internet, etc.

Com esse vasto material variado, de livros, CDs, jogos e etc., podemos perceber o quanto dinâmico e rico o ensino não-formal pode ser considerado. A valiosidade desses materiais oriundos das práticas educativas, enquanto materiais vinculados ao museu oferecem às escolas uma gama de opções de ensinamento que abarcam, por vezes, as diversas Ciências, complementam o ensino iniciado em sala de aula.

A relação museu com sala de aula ocorre de maneira assertiva quando os alunos que fazem a visita aos museus são orientados, e preparados antes da visita. Isso facilita e guia o olhar do aluno ao que ele deve destacar e buscar na visita ao museu, compreendendo, assim, esse espaço como local de ensino. Uma vez que isso não ocorre, também não acontece o aproveitamento do conhecimento que o museu poderia proporcionar e, além disso, a vivência, a experiência prática que somente esse ambiente pode disponibilizar em algumas áreas, principalmente no âmbito das Ciências Humanas e Ciências Biológicas. Sem orientação o aluno, muitas vezes, não compreende o museu como parte do processo educativo, mas sim como parte de uma atividade puramente de lazer, saída de campo, passeio e o descanso da sala de aula.

A autora Martha Marandino (2001, p. 85) reflete sobre essa relação:

Assim, levando em conta as diferenças entre a escola e o museu, a relação do sujeito com o conhecimento e com os demais sujeitos neste ambiente também se diferenciam, o que aponta para rotinas particulares de produção e aquisição do saber. Percebe-se assim, em linhas gerais, que a relação entre o museu e a escola não é de continuidade, mas implica num confronto de expectativas dos sujeitos em jogo neste processo.

Nesse sentido, é necessário refletir sobre essa relação, para mais adiante pensar a relação aluno-museu, o que se difere em diversos pontos. As escolas que buscam e agendam visitas ao museu, deveriam ter em princípio um plano pedagógico voltado a vincular a atividade ou exposição que o museu proporciona às temáticas que estão sendo trabalhadas em sala de aula. Além disso, seria interessante para os alunos que ocorresse uma integração das diversas disciplinas com a visita, já que o museu é um ambiente plural a ser explorado e um convite interdisciplinar de aprendizagem. As disciplinas de História, Educação Artística, Literatura e Geografia, em inúmeras ocasiões, têm a possibilidade de elaborar projetos que entrelacem essas diversas áreas do conhecimento possibilitando assim um aproveitamento diferenciado de aprendizado para o aluno, que não costuma ocorrer em sala de aula. A autora Luciana Conrado Martins (2006, p.43) define o planejamento didático, citado aqui, das visitas aos museus, como podendo ocorrer por meio de três etapas distintas. "A realização de um programa didático é para os autores dividida em três momentos: as atividades de preparação dos alunos, as atividades realizadas no museu e as atividades de prolongamentos realizadas na volta a sala de aula."

. Assim, a educação no museu pode ser considerada uma forma de alfabetização cultural que favorece uma leitura de mundo aos sujeitos que dela se usam, ressaltando a importância de usar-se de atividades desse tipo de forma sistemática e contínua que resultem, entre outras coisas na preservação patrimonial e cultural.

Contudo, a relação do museu com a escola não ocorre sem a preparação dos professores. Para tanto, seria necessário uma série de fatores para que ocorresse essa preparação do docente, para que ele possa elaborar projetos vinculando a educação com o Patrimônio das cidades, com os museus, saber desenvolver nos alunos um olhar diferenciado que busque além do conhecimento escolar, onde o envolvimento de valores morais que agreguem à sua formação como cidadão. O autor Pérez Gomes (1992, p. 106) faz a seguinte colocação pertinente ao tema:

(...) Quando o professor reflete na e sobre a ação converte-se num investigador na sala de aula; afastado da racionalidade instrumental, o professor não depende das técnicas, regras e receitas derivadas de uma teoria externa, nem das prescrições curriculares impostas do exterior pela administração ou pelo esquema preestabelecido no manual escolar. Ao conhecer a estrutura da disciplina que trabalha e ao refletir sobre o ecossistema peculiar da sala de aula, o professor não se limita a deliberar sobre os meios, separando-os da definição do problema e das metas desejáveis, antes constrói uma teoria adequada à singular situação do seu cenário e elabora uma estratégia de ação adequada. As bases do autodesenvolvimento profissional dos professores radicam nesta dinâmica reflexiva.

É relevante reforçar a importância de investir na formação de professores visando que eles possam perceber as especificidades pedagógicas desses dois ambientes: a escola e o museu. Pois, esta é a riqueza da experiência: propiciar aos alunos vivenciar diferentes formas de interação com o conhecimento científico. (MARANDINO, 2001). Esse trabalho com os professores também é fundamental para desmistificar a ideia de museu enquanto lugar sagrado e reverenciado, onde lá estaria um saber pronto e definitivo, sem conflitos. Deve-se buscar provocar nos professores essas questões, para que eles concebam o museu como um local de aprendizado e de questionamentos.

Cresce no Brasil o interesse pelos museus, o que se torna visível pelas diferentes iniciativas: individuais, coletivas e governamentais, com uma grande diversidade de temas atingindo diversos campos do conhecimento. O museu ganha mais atenção no momento em que a sociedade passa por significativas mudanças em seus diversos setores. Devido a isso, o momento é propício para repensar a relação museu-escola, aproveitar esse momento que afloram iniciativas e preparar cada vez mais o professor para que ele saiba aproveitar essas oportunidades diferenciadas de aquisição do conhecimento. Dessa forma, poderá despertar o interesse do aluno e discutir questões sociais e culturais tanto na forma teórica quanto de forma prática, na vivência, e agregando experiências aos sujeitos. Segundo Andréa Falcão (2009, p. 19) a educação não-formal colabora para:

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participam.

Devemos, portanto, entender o museu e a escola como espaços sociais que possuem características próprias, esses espaços se inter-relacionam e complementam um ao outro sendo indispensáveis para a formação de um cidadão cientificamente alfabetizado. E, apesar disso o museu acaba sendo um contraponto à educação formal, no sentido de, por vezes, complementar o conhecimento recebido na escola, mas também colocar em cheque alguns conceitos e questões presentes que acabam sendo discutidas. Frente a isso, nas linhas que seguem se pretende dialogar acerca da relação que o aluno estabelece com o museu.

O museu e o aluno

De que forma o aluno se relaciona com o museu? Esse questionamento permanece em aberto, uma vez que essa relação somente se constrói e, ocorre de fato, dependendo de diversos fatores externos e internos do museu. Em princípio, nota-se que o primeiro contato com o museu ocorre na escola, nos ditos passeios escolares.⁶ É assim que acontecem as primeiras expectativas, os primeiros diálogos e o primeiro contato. Por isso, a importância de trabalhar o museu em três etapas. Uma prévia, que são esses diálogos antes da visita; a visita propriamente dita e, por último, o trabalho vinculado ao que foi visto e aprendido no museu. Quando se pula uma dessas etapas, o aluno por si não reconhece o valor da experiência, principalmente enquanto ambiente de aprendizagem. A interação do museu com a escola se torna fundamental nesse sentido dos aspectos externos. Os fatores internos do museu também são indispensáveis, inúmeros são os ambientes de arquivos e museus que proporcionam atividades, exposições variadas voltadas ao ensino e abrem suas portas para as escolas, o uso dessas atividades nesses espaços de forma sistemática acarreta na formação dessa relação museu-aluno. O autor Edgar S.d e Mendonça (1946) faz uma colação muito pertinente sobre essas funções, pertencentes às ações educativas que formam a relação museu-escola-aluno:

[...] a principal característica da ação educativa dos museus é, entretanto, poder ser considerado o órgão por excelência da educação extra-escolar. Reúne, em seu setor de extensão cultural, aos recursos próprios da linguagem objetiva, os recursos em ascensão maravilhosa, das invenções modernas, entre as quais sobressaem o cinema e o rádio. É a fonte por excelência do "ensino visualizado" capaz das mais rápidas assimilações por qualquer tipo de público. Compartilha com a escola, já o vimos, o tratamento sistemático da educação infantil, e, adstrito, como terá que ser por muitos anos ainda, a não tratar diretamente com as populações rurais, quase todas as crianças urbanas acabarão por usufruir dos seus benefícios, complementares aos da escola.

É fundamental também pensar a relação do aluno com o museu relacionada a faixa etária, nível social, e série/ano de cada um, uma vez que isso é condição para entender as diferentes relações que se estabelecem. Para tanto, essa parte da pesquisa pretende fazer um trabalho de pesquisa quantitativa com alunos de duas escolas públicas, do ensino fundamental e médio e em diferentes faixas etárias⁷. Além disso, trabalhos artísticos, em oficinas elaboradas para esse fim também fazem parte do projeto para que isso colabore com a ampliação da interpretação dessa relação. A tabela a seguir é um esboço do que o projeto pretende aplicar nessas escolas.

QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Escola:	
Nome:	
Idade:	
Série/Ano:	
Responda as questões abaixo:	
Você já visitou algum museu?	
Qual?	
Com quem você foi?	
Qual a sua impressão desse espaço?	
Você gostou? Sim ou Não, e por quê?	
O que mais chamou a sua atenção?	
Você teve vontade de retornar a esse local?	
Como era o ambiente? Lembrava algum outro local em que você já esteve ou viu?	

Esse questionário vislumbra entender se o aluno já fez alguma visita, com quem foi, e sua impressão do ambiente, se ele teve desejo de voltar, se foi trabalhada alguma questão relacionada a isso e etc. É válido atentar que esse questionário ainda está em fase de elaboração e será devidamente adaptado conforme a faixa etária e capacidade cognitiva de cada aluno. Para os alunos dos anos iniciais, a atividade proposta será outra. A análise ocorrerá por meio de atividades desenvolvidas nas escolas, como desenhos, colagens, cartazes, e outros tipos de atividades pedagógicas que colaboram para a identificação e criação de um perfil de aluno, para posteriormente fazer uma análise qualitativa das respostas e dos trabalhos aplicados.

Embora essa parte do projeto ainda esteja se constituindo, ela é parte fundamental para responder a questão colocada no primeiro parágrafo deste subcapítulo. A relação do museu com a escola e a importância disso para que se estabeleça um vínculo com o aluno e o museu, já foi amplamente abordada nesse texto. No entanto, somente poderemos entender o que de fato esse museu representa para os sujeitos em idade escolar por meio desse diálogo, da interpretação de suas respostas, da leitura de atividades variadas.

Uma das funções dessa pesquisa é ainda fazer diversas oficinas relacionadas à temática da Educação Patrimonial nessas escolas, o objetivo é despertar a consciência crítica dos alunos e trazer para seu cotidiano e, de preferência, sua rotina, o gosto de visitar e aprender nesses espaços informais de educação. Além disso, conceitos importantes de preservação, diversidade cultural, cidadania, entre outros, são temas correntes das oficinas que o projeto busca oferecer.

Considerações Finais

A escola enquadra-se como uma instituição social que tem por objetivo promover situações de aprendizagem a longo prazo. Muito além da obrigação de trabalhar os conteúdos escolares especificados nos currículos, fica a cargo da escola trabalhar valores morais que contribuam para a formação humana. As atividades extracurriculares são também uma forma de contribuir para atingir esse objetivo. Assim, devemos pensar o museu como sendo um ambiente propício para se elaborar um projeto interdisciplinar, onde as diferentes ciências possam dialogar em prol de um projeto educativo diferenciado.

Deve-se ocorrer uma proposta pedagógica que vincule a integração do trabalho pedagógico à experiência vivenciada, concreta no aprendizado, não tornando a visita ao museu apenas mais um passeio escolar sem enriquecimento educacional para o aluno.

Além disso, discutir essas questões com o aluno é fundamental. Orientar e direcionar os alunos a cerca do trabalho desenvolvido em sala de aula que está vinculado a visita no museu e os objetivos que se espera alcançar deveria ser pré-requisito para qualquer saída de campo. Assim, perguntas direcionadas, os aspectos que devem ser observados, e a importância desses aspectos deve ser amplamente discutidas, exigindo, assim, um processo em três etapas para a preparação do aluno que visita uma instituição tão rica e que agrega diversos saberes.

Assim, a primeira etapa é a preparatória, que ocorre ainda dentro da sala de aula, são as orientações gerais do que se deve buscar no museu, preparar o aluno para o que ele vai encontrar e direcionar sua visão para o que se deseja que seja

aprendido, o diálogo e a instigação são o primeiro passo para se trabalhar dessa forma. Em segundo lugar, citamos a visita ao próprio museu e o aproveitamento da situação, e, muitas vezes, a vivência prática do que não pode ser experimentado em sala de aula. E, por fim, a atividade desenvolvida vinculada a visita, elaborar discussões, seminários, cartazes, jogos e todo tipo de atividade possível com os alunos para que eles tenham uma maior dimensão da importância da sua visita aos museus e possam, assim, tomar gosto por frequentar esse tipo de ambiente.

Por último é válido ressaltar a relação museu-aluno, embora essa parte ainda esteja em construção nesta pesquisa. O aluno pode ser condicionado a pensar o museu conforme seus professores orientam, ou em alguns casos, não orientam. O imaginário da criança torna-se repleto de questões a cerca do museu, desde sua função, até sua arquitetura e aos artefatos que ele abriga, mas isso somente poderá ser desenvolvido conforme for trabalhado em sala de aula. O museu pode ser o local mágico que abriga a memória de povos e culturas passadas e diferenciadas, onde se pode reviver, aprender e repensar diversas situações, mas pode também ser somente o local que abriga velharia e coisas sem graça, sem sentido para aqueles sujeitos que ali estão.

Contudo, ainda vale a ressalva de que as visitas aos museus e instituições devem ser sistemáticas e recorrentes, para que se possa criar o hábito de frequentar esse ambiente, familiarizar o aluno com o museu, fazê-lo internalizar o museu como ambiente de conhecimento, cultura e diversidade. Despertar no aluno a consciência crítica a cerca do material ali existente, tendo noção da importância da preservação e reconhecimento da história e das diversas culturas, que o museu abriga em suas salas é parte fundamental do processo educativo e da formação do aluno-cidadão.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. In: Revista Comunicação e Educação. Eca/USP. Ed. Moderna. Ano III- nº 10 set/dez – 1997.
- FALÇÃO, Andréa. Museu como lugar de memória. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Museu e Escola: educação formal e não-formal. Rio de Janeiro: Equipe do Núcleo de Produção Gráfica de Mídia Impressa – TV Brasil, 2009
- HERBERTS, Ana Lúcia. Oficinas de Educação Patrimonial na Usina Hidrelétrica Barra Grande. Florianópolis: Scientia Consultoria Científica, 2008.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Museu Imperial IPHAN/MinC. Brasília, 1999.
- KESSEL, Zilda. Memória e Memória Coletiva. Disponível em <http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf> Acesso em 13 abr 2012.
- MARTINS, Luciana Conrado. A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19062007-152057/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2012.
- MARANDINO, Martha. Interfaces na relação museu-escola. In: caderno catarinense de ensino de física. v. 18, n.1: p.85-100, abr. 2001.

- MENDONÇA, Edgar Sussekind de. A extensão cultural nos museus. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
- PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. p. 93- 114. Publicações D. Quixote, Lisboa, 1992.
- [PRÉVIDI, Giovanni Biazetto da Silva](#). Patrimônio e memória nas práticas de educação patrimonial do Arquivo Histórico Moysés Vellinho de Porto Alegre/RS (1997 A 2005). 2011. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Trabalho de Conclusão - UFRGS.

Notas

- 1 Pós-Graduanda da UFRGS
- 2 Museus de Arte do Rio Grande do Sul. Localizado na Praça da Alfândega s/n. Porto Alegre.
- 3 Entende-se aqui, como “alunos maiores” os alunos de ensino médio, e os “alunos menores” seriam os alunos do ensino fundamental, compreendendo também alunos da educação infantil.
- 4 A pesquisa quantitativa refere-se à pesquisa direcionada que o projeto se propõe a fazer com os alunos de duas escolas, abordando ensino fundamental e médio. Nessa pesquisa, que ainda está em processo de elaboração, tem-se por objetivo analisar as respostas para verificar o entendimento dos alunos em relação ao museu.
- 5 Essa afirmação está ancorada em minha experiência como orientadora no museu, onde vivenciei esse processo de descaso de muitos professores em relação às visitas.
- 6 Nesse caso, se fala de alunos do ensino público.
- 7 Até o presente momento da elaboração deste artigo somente uma escola deu permissão para que se iniciasse o trabalho, a outra escola em vista, por motivos burocráticos ainda não retornou sua resposta.